



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A FORMAÇÃO DA CONDUTA DA CRIANÇA, NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Jaciene Aparecida da Silva¹; Maria Silvia Rosa Santana²

¹ Bolsista de Iniciação Científica da UEMS/CNPq; aluna do 2º ano de Pedagogia, Unidade de Parnaíba. jacyamorosa@hotmail.com

² Orientadora; docente do curso de Pedagogia e do PPGE, UEMS/Paranaíba. mariasilvia@uems.br

RESUMO

O agravamento dos casos de violência nas escolas nos últimos anos tem chamado a atenção das pessoas e despertado o interesse de pesquisadores para compreender suas causas e seus efeitos sobre os alunos, tornando-se um dos desafios da atualidade para os professores, pois emerge como um problema para o ensino e a aprendizagem. Esta pesquisa tem por objetivo, por meio da pesquisa bibliográfica, compreender como as relações vividas pela criança formam a sua conduta, a fim de compreender o fenômeno da violência a partir da abordagem histórico-cultural. As conclusões parciais a que se chegou com o desenvolvimento desta pesquisa foi a compreensão de que o conceito de Homem e de desenvolvimento humano, oferecido pela teoria histórico-cultural, conduz à concepção de que o trabalho foi o responsável pelo desenvolvimento orgânico e cultural do homem, do quanto esse desenvolvimento depende das condições de vida e do contato com a cultura que é oferecido à criança. Ao compreender que toda conduta da criança é desenvolvida a partir das suas experiências de vida, dos exemplos de conduta que ela tem, a responsabilidade dos adultos na educação das crianças aumenta muito, pela consciência de que a conduta e a personalidade não são naturais, mas historicamente desenvolvidas.

Palavras-Chave

Teoria Histórico-Cultural. Meio social. Desenvolvimento Psíquico.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica financiada pelo CNPq, desenvolvida na UEMS, Unidade de Paranaíba, iniciada no primeiro ano do curso de Pedagogia, em 2013. Insere-se em uma pesquisa maior denominada “OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: cotidiano escolar entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio”.

Realizada por meio de uma revisão bibliográfica, o recorte apresentado tem por objetivo principal entender, a partir da abordagem Histórico-Cultural, como o meio, social e culturalmente constituído, influencia na formação da personalidade da criança, como age no desenvolvimento de seu psiquismo e que reações desencadeia na criança, a fim de compreender, no processo de formação sua da personalidade, como se dá a origem da conduta violenta e de outros fatores que dificultam o seu processo de aprendizagem.

De acordo com Vygotsky (2000; 2003) e Leontiev (1978), o meio social e cultural determinam a formação do indivíduo, por meio de seus processos de aprendizagem e de desenvolvimento, não de forma imediata e passiva, mas de forma dialética. Sendo assim, as implicações, dificuldades e particularidades do indivíduo e a formação de sua personalidade precisam ser analisadas a partir do meio social e cultural em que ele está inserido.

A compreensão da constituição do homem em relação aos fatores sociais pode ajudar o professor a entender o porquê de situações adversas que acontecem na escola, podendo auxiliar também aos pais, fazendo-lhes entender como ocorre no psiquismo da criança, a formação de conceitos, valores e processos cognitivos de aprendizado e, assim, conscientizá-los de que, conforme afirma Leontiev (1978), o primeiro ciclo de relacionamento da criança, a família, é de suma importância na formação de sua personalidade.

No ambiente escolar, não basta apenas “classificar” uma criança como violenta, ou como criança “problema”, é fato que existe um problema, mas é preciso entender a raiz de tal problema, para assim tentar intervir com propostas que visem amenizar a situação, e o principal, que se preocupe com a formação deste indivíduo, já que este reproduzirá os processos adquiridos em seus círculos de relacionamentos.

A partir das primeiras leituras acerca da concepção defendida pela Teoria Histórico-Cultural sobre o desenvolvimento humano pode-se perceber a importância do

meio social para que a criança, desde o seu nascimento, aprenda a ser homem ou, como afirma Leontiev (1978), aprenda a pertencer ao gênero humano.

Por exemplo, a criança pequena, por não saber falar, chora, aquele choro desempenha o papel de uma linguagem primordial. O choro é uma reação reflexa a um sentimento de desconforto, mas ao utilizar esta manifestação quando quer alguma coisa, ela usa o choro como uma forma de chamar a atenção de quem está por perto, pai ou mãe, pois quando o adulto pega a criança no colo, faz carinho, dá o afeto que ela precisa, logo ela se acalma. Esse uso intencional do choro para satisfazer uma necessidade que vai além das necessidades de sobrevivência, não é nem reflexo e nem uma função biológica, mas sim uma ação humana aprendida no convívio social, ou seja, é linguagem.

Segundo Leontiev (1978), o gênero humano é formado pela apropriação de todas as produções realizadas historicamente pelo homem, por meio do trabalho, e que estão fixadas na cultura. Quando a criança aprende, ao se relacionar com os adultos e as outras crianças a sua volta, a brincar, a se expressar, a usar os objetos que fazem parte da sua vida, ela aprende a se tornar homem. Assim Leontiev (1978, p.267) afirma: “[...] cada indivíduo aprende a ser um homem”.

Santana (2008, p.35) assim explica esse processo de desenvolvimento, diferenciando filogênese de ontogênese:

Leontiev se refere ao processo de formação do Homem como processo de hominização, que trata do desenvolvimento filogenético, ou seja, o desenvolvimento do Homem enquanto espécie humana, ligado à constituição das características físicas, às mudanças anatômicas sofridas pelo Homem. Num outro nível e outro tempo acontece o processo de humanização, ou seja, o desenvolvimento ontogenético, o desenvolvimento do Homem como gênero humano, resultado das características adquiridas a partir da criação dos instrumentos materiais que constituem a cultura. [...] acontece o processo de humanização de cada novo ser humano: processo de reprodução individual das características humanas criadas ao longo da história.

Nesse sentido, pode-se perceber a importância do meio social para que a criança, desde o seu nascimento, aprenda a desenvolver-se no meio em que está inserida, por meio da sua relação, desde bebê, com o adulto.

O que determina directamente o desenvolvimento do psiquismo da criança é a sua própria vida, o desenvolvimento dos processos reais desta vida, por outras palavras, o desenvolvimento desta actividade, tanto exterior como interior. E o desenvolvimento desta actividade depende por sua vez das condições em que ela vive (LEONTIEV, 1978, p, 291).

Desta forma, por exemplo, se a criança tem um contato afetuoso, de boas relações com os pais, sem viver em um ambiente violento, ela terá muito mais chances de se tornar uma pessoa também afetuosa perante a sociedade. Vai depender das condições em que a criança vive, se ela desenvolverá comportamentos violentos ou não. Por isso que o meio em que a criança vive é fundamental, pois é como um espelho para ela: tudo que acontece de uma forma ou outra poderá refletir na criança.

A criança passa por vários estágios na sua vida até chegar à sua idade adulta. Mas essas etapas não ocorrem de acordo com a idade, mas sim pelas relações que a criança estabelece com os adultos, no meio em que a criança convive. Leontiev (1978, p.292), afirma:

Cada estágio do desenvolvimento psíquico é caracterizado por certo tipo de relações da criança com a realidade, dominantes numa dada etapa e determinadas pelo tipo de atividade que é então dominante para ela. A característica da atividade dominante não se reduz de modo algum a índices puramente quantitativos. A atividade dominante não é aquela que se encontra o mais das vezes numa dada etapa do desenvolvimento, aquela à qual a criança consagra a maior parte do tempo.

O meio em que a criança vive é fundamental. Se promover relações boas, agradáveis, muito provavelmente vai fazer com que a criança se torne uma pessoa do bem, do jeito que a criança foi ensinada. Com o tempo ela consegue absorver aquilo que foi ensinado, mas demora certo tempo.

“A criança passa por três estágios de desenvolvimento psíquico de atividade dominante.” (LEONTIEV, 1978, p.292). A atividade dominante, segundo o autor, é aquela sob a forma da qual se diferenciam tipos novos de atividades. A primeira atividade dominante aparece no contato com os adultos e os objetos, que ocorre já no primeiro ano de vida. Mas a primeira atividade considerada pelo autor como dominante é a brincadeira, característica da idade pré-escolar, por meio da qual a criança vai reproduzir as relações sociais que em vive, tornando possível compreendê-las melhor e aprender regras através de jogos. Por exemplo, a criança na idade pré-escolar passa a conhecer a funções de um electricista, o que um diretor faz, qual é o serviço do engenheiro. A criança passa a entender as formas de comportamento perante uma pessoa, como ela deve tratar a outra pessoa, reproduzindo todas essas situações por meio das brincadeiras.

A segunda atividade dominante é aquela na qual se formam ou se reorganizam os seus processos psíquicos particulares. É a atividade de estudo, que faz com que a criança entre em contato com o mundo por meio do conhecimento escolar. Essa atividade

dominante se forma inicialmente nos processos de imaginação ativa e, depois, no estudo, com os processos de raciocínio abstrato.

Ao fazer os seus deveres, a criança tem, pela primeira vez, sem dúvida, a impressão de fazer qualquer coisa de verdadeiramente importante. Proíbe os mais pequenos de a perturbar e os próprios adultos sacrificam por vezes as suas actividades para que ela possa trabalhar. (LEONTIEV, 1978, p.289).

A próxima atividade dominante é aquela da qual depende o mais estreitamente as mudanças psicológicas fundamentais da personalidade da criança observadas em certa etapa do seu desenvolvimento. Nesta etapa da atividade dominante é onde a criança começa a entrar na sua fase de adolescente.

A criança sente a sua dependência para com as pessoas com quem está directamente em contacto; deve contar com as exigências que aqueles que a rodeiam impõem a sua conduta, pois é isso o que determina, de facto, as suas relações íntimas, pessoais com elas. (LEONTIEV, 1978, p. 288).

Por exemplo, o adolescente, na fase de transição para ser um adulto, ele começa a ter a influência do meio nas decisões que começa a tomar. Pois os seus colegas começam a influenciar o que seria bom para ele, antes mesmo dele tomar qualquer decisão.

Do ponto de vista da consciência, esta passagem à última idade escolar é marcada pelo desenvolvimento de uma atitude crítica face às exigências, as maneiras de agir, as qualidades pessoais dos adultos e pelo aparecimento de interesses novos pela primeira vez verdadeiramente teóricos. (LEONTIEV, 1978, p, 291).

O adolescente, muitas vezes, se deixa levar pela influência dos amigos, faz tudo porque os amigos fazem e está na moda. Isso demonstra a força das relações sociais entre os jovens, momento de afirmação da personalidade.

Mas em todo esse processo de desenvolvimento social, onde o indivíduo aprende com a cultura de seu meio, a criança tem como base da educação o que é ensinado em casa, o que o primeiro círculo de relações sociais ofereceu desde a primeira infância. Segundo o autor, portanto, a qualidade das primeiras relações sociais da criança é base para todas as demais relações que a criança estabelecerá:

Neste período da vida, o mundo dos homens que rodeiam a criança divide-se, por assim dizer, em dois círculos. O primeiro compreende os seus íntimos: a mãe, o pai ou aqueles que ocupam o seu lugar junto da criança: as suas relações com eles determinam as relações com o resto do mundo. O segundo círculo, mais largo, é constituído por todas as outras pessoas; as relações da criança com elas são mediatizadas pelas relações estabelecidas no primeiro círculo, mais pequeno, quer a criança seja ou não educada na sua família (LEONTIEV, 1978, p. 288).

Ao entrar na escola, o professor acaba se tornando para a criança uma das pessoas do círculo íntimo, pois ajuda na formação e na educação da criança. Ele passa a ocupar, portanto, o papel de modelo de conduta para a criança. O professor, quando vai montar um planejamento de aula, ele deve pensar intencionalmente como serão as suas atividades pedagógicas que deverão ocorrer dentro da sala de aula, não só levando em consideração os conhecimentos que serão trabalhados, mas a forma como as aprendizagens serão trabalhadas.

Segundo Mello (2010), a educação escolar é um elemento essencial na vida do ser humano. Pois a escola deve ser um local privilegiado de aprendizagens para a humanização da criança, para a construção de diferentes significados, por isso precisa ser rica de possibilidades de aprendizagens, para que a criança possa dar saltos qualitativos na apropriação de conhecimentos.

Segundo a autora, para Vigotski a compreensão dos significados das palavras pelas crianças influencia sua relação com o meio e a maneira como o meio influirá sobre seu desenvolvimento, uma vez que essa relação depende de como a criança compreende um fato. Conforme suas palavras:

A influência do meio no desenvolvimento da criança será avaliada juntamente com demais influências, bem com o nível de compreensão, de tomada de consciência, da apreensão daquilo que ocorre no meio. Se as crianças irão tomar consciência disso de formas distintas, então uma mesma ocorrência possuirá para elas sentidos completamente diferentes. (VIGOTSKI, 1935 apud MELLO, 2010, p.730, itálicos do autor)

Cada criança compreende de maneiras diferentes o que as pessoas do meio em que ela convive falam e as vivências que experimenta. A compreensão dessa ideia coloca uma responsabilidade muito grande nas condições culturais e sociais que os adultos oportunizam as crianças, pois toda sua conduta e valores frente às pessoas, aos estudos, à vida em geral dependem da educação a ela oferecida.

A ideia- força do sistema de normais é a que a conduta humana invariavelmente se desgoverna na ausência de controle. O problema da indisciplina na escola, por exemplo, é visto como um conjunto de condutas não desejáveis adotadas por alunos e que escaparam ao controle do professor e da instituição [...]. (VILELA, 2013, p.118/119)

Conclui-se que, com os conceitos de Homem e de desenvolvimento humano apresentados, a Teoria Histórico-Cultural esclarece o quanto esse desenvolvimento depende das condições de vida e do contato com a cultura que é oferecida à criança. Ao compreender que toda conduta da criança é desenvolvida a partir das suas experiências

de vida, dos exemplos de conduta que ela tem, a responsabilidade dos adultos na educação das crianças aumenta muito, pela consciência de que a conduta e a personalidade não são naturais, mas historicamente desenvolvidas.

Nesse sentido, podemos concluir que as relações interpessoais oferecidas no meio em que a criança está inserida tornam-se responsável, muitas vezes, pelas atitudes que as crianças apresentam dentro das salas de aulas. Porém dever haver um processo de investigação e compreensão social sobre a conduta da criança, pois nem sempre que uma criança é violenta na escola significa que é violenta em casa. Hoje as escolas têm feito projetos que possam ajudar essas crianças a agir com comportamentos e maneiras diferentes, tornando-as mais amigáveis, deixando a violência de lado.

Resta saber se a escola tem se tornado o meio que auxilia as pessoas que ali convivem em seu processo de desenvolvimento humanizador como defendido pela teoria abordada neste estudo.

Referências:

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: _____. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MELLO, Suely Amaral. A questão do meio na pedologia e suas implicações pedagógicas. **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 2010, 21(4), 727-739

SANTANA, M. S. R. **A categoria de atividade e o desenvolvimento do pensamento, segundo a abordagem histórico-cultural**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

VILELA, Fabio C. B. **Fundamentos da escola significativa**. Editora Loyola Jesuítas. São Paulo, Brasil, 2013.

